

# A dupla presença Estudantes brasileiros/as na Itália em tempo de pandemia

**Alex Vailati<sup>55</sup>**

## Introdução

O estudo da circulação de pessoas sempre foi um tema muito presente na literatura antropológica, declinado por meio de várias lentes epistemológicas. Se por um lado o campo de estudo da antropologia se constitui através da experiência da viagem, que, desde a afirmação da pesquisa de campo, é considerável como um traço marcante do trabalho etnográfico, por outro lado, precocemente a antropologia voltou a própria atenção aos processos de circulação de pessoas, primeiramente focando sobre as dinâmicas de urbanização e, em seguida, procurando encontros com pessoas que circulavam internacionalmente, entre contextos em muitos casos extremamente distantes.

Mais recentemente, a partir dos anos 1990 (Ulf Hannerz, 1996), a antropologia e o campo mais amplo dos estudos sobre as migrações incorporaram outras categorias de pessoas, que, nas pesquisas mais clássicas, focadas principalmente sobre os assim chamados fluxos de migrantes provenientes de países economicamente desvantajados rumo a um Norte global, eram parcialmente excluídas (Alex Vailati; Carmen Rial, 2016). Pensamos aqui em sujeitos que podem ser considerados como ricos, do ponto

---

<sup>55</sup> Antropólogo e documentarista, tem doutorado em Antropologia e Etnologia pela Università degli Studi di Torino. É professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco. Esta pesquisa pesquisa foi financiada pela Università di Torino (UNITO)

de vista econômico, mas também contemplando as várias tipologias de capitais que tornam um sujeito alguém que se diferencia dos outros, que compõem a maioria. Neste capítulo, irei abordar um campo importante deste panorama, que é constituído da circulação de estudantes de nacionalidade brasileira na Itália e em particular nas faculdades da cidade de Turim, localizada no norte do país.

Estudar ou morar no exterior historicamente foi uma experiência voltada aos ricos no Brasil, como já foi destacado pelo Gilberto Velho (1998) em uma das primeiras etnografias voltada às classes médias altas brasileiras. O autor, convivendo com jovens da própria classe social, mostra como, na época da Ditadura Militar, “ter vivido ou viajado pelo exterior [era] um importante símbolo de prestígio” (Velho, 1998, p. 26). Podemos acrescentar como historicamente o “sonho do exterior” foi algo constitutivo das classes altas brasileiras, como já foi destacado pelo Gilberto Freyre (2008) ainda na década de 1930, segundo o qual as elites “iluminadas” eram aquelas voltadas, pelo menos quando se fala de instrução, ao exterior, categoria esta que é utilizada para se referir geralmente aos Estados Unidos ou à Europa. Este dado pode ser considerado ainda hoje em termos de colonialidade, como observo, sendo um italiano residente na cidade de Recife, quando a mim é perguntado, geralmente por membros de camadas altas que ostentam uma incompreensão das minhas escolhas, se, como europeu, “realmente gosto de morar nesta cidade”.

Se a minha trajetória acadêmica, que parte da Itália para transitar muitos anos na África do Sul e depois se estabelecer no Brasil, claramente posiciona a minha subjetividade como um dado a ser observado, este capítulo é um primeiro resultado de uma etnografia, desenvolvida seja em modalidade virtual seja em presencial, que visa abrir uma janela sobre as subjetividades dos/as intercambistas que circulam entre o Brasil e a Itália. As entrevistas foram realizadas entre 2020 e 2021, em um período fortemente marcado pelas políticas de isolamento ligadas à pandemia e pelas dificuldades de circulação resultantes do fechamento das fronteiras nacionais. Depois de propor um quadro geral das pessoas envolvidas nesta pesquisa,

iremos aprofundar nesta sede o impacto da pandemia sobre alguns aspectos das subjetividades delas, em particular focando a infraestrutura de comunicação, que se tornou tão relevante nos períodos de isolamento. Por meio disso, poderemos refletir sobre o papel da circulação internacional na formação de futuros pesquisadores e, de modo mais geral, sujeitos críticos.

## Entre Brasil e Itália

A possibilidade de estudar no exterior foi evidentemente influenciada pelas transformações dos sistemas de financiamento para estudo superior e pesquisa. Um marco fundamental no Brasil é constituído pelo programa Ciência sem Fronteiras, que, iniciando em 2011, foi o primeiro programa estrutural voltado a financiar estudos superiores no exterior e que se encerrou, pelo menos em relação à graduação, em 2017. Em relação à Itália, e em particular à cidade de Turim, um olhar sobre as estatísticas da faculdade Politécnico, que historicamente foi a instituição de ensino que na cidade teve um maior poder de atração de estudantes, encontra um progressivo crescimento nos números de alunos e alunas brasileiras a partir de 2001, com um incremento gradual que toca o seu ápice em 2013, com 220 matrículas, considerando o ano de ingresso na Politecnico. O índice de renda dos/as estudantes tem andamento levemente decrescente desde 2012, todavia, os dados disponíveis não permitiram uma análise mais aprofundada, mas uma consideração possível é a de que a renda das famílias de intercambistas teve poucas variações ao longo dos anos. Estes dados quantitativos, em particular o número de intercambistas, não obstante não serem o foco principal desta pesquisa, permitem pensar que esse tipo de circulação, embora propulsionada em específicos momentos pelo investimento público, é geralmente algo que se relaciona ainda hoje com jovens de camada alta.

Focando o contexto que recebe os intercambistas, podemos destacar que a cidade de Turim, depois de ter sido a primeira capital da Itália no século XIX, se tornou um dos principais polos industriais do país, devido à implantação, ainda no final do mesmo século, da indústria automobilística,

a mesma que propulsionou a implantação da já citada faculdade Politécnico, uma universidade voltada às ciências exatas e aplicadas e às engenharias. A cidade se tornou receptora de migrantes, em primeiro lugar vindos do sul do país e sucessivamente, a partir dos anos 80 do século passado, de países do Sul global. Atualmente, é a quarta maior cidade da Itália e hospeda, além da Politécnico, uma segunda faculdade pública, que é a Università degli Studi di Torino (Unito). Ambas as instituições, na última década, desenvolveram, em paralelo a uma integração com os outros países da União Europeia, uma política de internacionalização marcada pela abertura de cursos de graduação e pós em inglês, voltados a um público local e internacional. Não dispomos de estatísticas anteriores a 2016, mas a partir daquele ano, a presença de brasileiros/as na Unito é também relevante, com uma média de sessenta estudantes matriculados por ano.

Do ponto de vista socioeconômico, a maioria dos entrevistados pode ser considerada parte da classe alta brasileira, pois declarou abertamente que não recebe nenhuma bolsa de estudo — e, na contemporaneidade, em particular com a alta do euro, isso seria possível só pertencendo a famílias com alto capital econômico, que se podem permitir uma despesa mensal para educação no exterior de pelo menos 7 mil reais. Nesse espectro de renda, encontramos estudantes que realmente pertencem às elites, com um passado de férias na Flórida, e também outros/as que pertencem a famílias de profissionais liberais, para as quais estudar no exterior é um custo razoável, mas plenamente justificado. Quanto à composição do gênero, encontramos uma presença masculina significativamente maior na Politécnico e uma distribuição paritária de gênero na Unito, faculdade que hospeda cursos voltados às humanidades e às ciências puras, sociais e aplicadas. Do ponto de vista racial, a quase totalidade de estudantes é branca, enquanto nenhum dos entrevistados citou conhecer estudantes negros/as ou indígenas que cursavam na Itália.

Enfim, podemos propor um dado voltado à geografia, que resulta de um mapeamento maior, que abrange todo o território italiano e que foi possível a partir da criação de grupos ligados à infraestrutura do aplicativo

e rede social WhatsApp, que irei aprofundar na parte sucessiva deste capítulo. É interessante destacar como a circulação de estudantes tem como polos a região Sul e Sudeste do Brasil e a região Norte da Itália, considerando que ambas são as regiões que mais concentram capitais e infraestruturas. Essa polarização, que reflete os desequilíbrios socioeconômicos de ambos os países, é, todavia, emblemática para refletir sobre a seletividade da possibilidade de estudar no exterior, que não depende somente dos recursos econômicos, mas também do contexto envolvido nela. Claramente a presença de descendentes italianos nas regiões Sul e Sudeste do Brasil influencia esse processo, seja do ponto de vista burocrático, devido à obtenção da dupla cidadania, seja por uma ambição de “busca do meu passado”, como destacou um entrevistado.

Esse dado é também refletido pela literatura socioantropológica sobre a circulação de estudantes brasileiros/as na Itália, que somente contempla esse trilha mais batido, pessoas que saem de São Paulo ou Porto Alegre para estudar nas faculdades italianas (Roberta Rangel Batista; Mariana Bonomo, 2016; Juliana Rossa, 2014; João Carlos Tedesco, 2007; 2014). Neste sentido, não obstante esta literatura se enquadrar na linha da circulação de um Sul global, se torna necessário problematizar e pluralizar essa categoria de sul, incorporando novos trajetos, como, por exemplo, a circulação de estudantes do Norte ou Nordeste do Brasil no exterior, que se torna aqui um objetivo programático para futuras pesquisas. Se, por um lado, a circulação de estudantes brasileiros/as na Itália pode ser considerada do sul para o norte, por outro lado, considerando a perifericidade do contexto acadêmico italiano em relação ao mundo anglófono e o alto capital dos/as brasileiros/as envolvidos/as neste estudo, esses termos se reconfiguram, quase invertendo estes polos geográficos. Novamente, como em muitos casos que encontramos na literatura, a etnografia da migração nos leva a desafiar “a ordem nacional das coisas” (Liisa Malkki, 1995), nos levando a pensar sobre o quanto as categorias identitárias de nacionalidade influenciam nossa interpretação e produção de conhecimento.

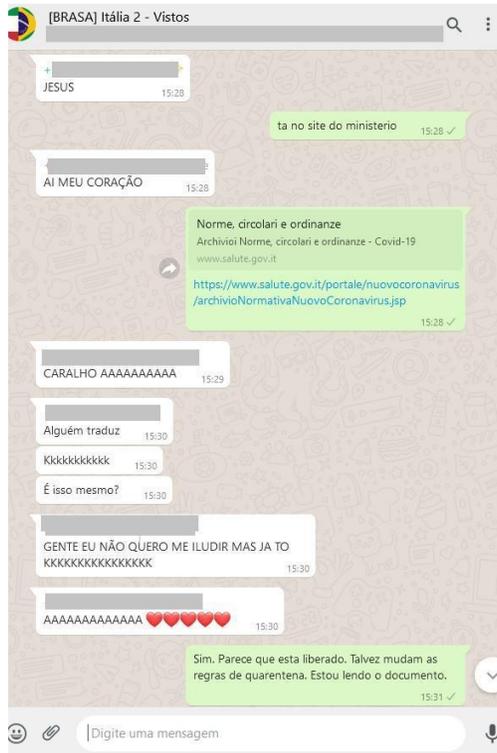
## O campo da pandemia

Abdelmalek Sayad é um dos mais importantes teóricos sobre migrações internacionais e propôs, ainda no final dos anos 1990, o conceito de “dupla ausência”, formulado cruzando a própria experiência de migrante argelino na França com o estudo da presença de pessoas oriundas do norte da África no mesmo país. O migrante, na concepção de Sayad, seria um sujeito que enfrentaria uma ausência física do contexto que deixou migrando e uma ausência simbólica, ligada às dificuldades de ter uma atuação social no lugar no qual reside (Abdelmalek Sayad, 2014). Esta reflexão se contextualiza em uma outra temporalidade, quando realmente os meios de comunicação e os transportes não permitiam um contato ou uma presença que hoje em dia definimos como transnacional (Nina Glick Schiller et al., 1992). O contexto que observamos na contemporaneidade e a particular conjuntura da pandemia, na qual foi realizada esta pesquisa, é um panorama totalmente diferente. A infraestrutura da migração, ou seja, “the systematically inter-linked technologies, institutions, and actors that facilitate and condition mobility” (Biao Xiang; Johan Lindquist, 2014, p. 123), por um lado, levantou novas fronteiras como nunca observamos na história recente, e por outro, permitiu aberturas de espaços de contatos virtuais inéditos.

Devido ao descaso, em particular do establishment político federal, o Brasil se tornou rapidamente, em nível global, uma “zona de não retorno”, ou seja, um lugar que, uma vez visitado, deixaria o viajante impossibilitado de entrar em outros países. Se as fronteiras do Brasil permaneceram quase totalmente abertas entre os anos 2020 e 2021, a Itália, similarmente a outros países, fechou as próprias fronteiras, em particular aquelas aéreas, chegando a prolongar em março de 2021 a proibição de entrada no território nacional para pessoas de qualquer nacionalidade, incluindo a italiana, que tivessem estado no Brasil nas semanas antecedentes. Neste sentido, além do impedimento de entrada na Itália para estudantes brasileiros/as, concretizou-se a dificuldade de voltar ao Brasil para quem estava já na Itália, pela possibilidade concreta de não poder regressar novamente ao país.

Como muitos entrevistados destacaram, esta normativa, que poderia ser também driblada por meio de estadias temporárias em outros países, em um contexto de extrema insegurança sanitária, levou a um congelamento de qualquer plano de viagem.

Em paralelo, a virtualização do ensino e da vida social se tornou cotidianidade para os/as alunos/as com os/as quais conversei nesta pesquisa, que foi caminhando na mesma direção. Se os meus planos iniciais eram de desenvolver uma pesquisa presencial ao longo de 2021, como aconteceu para muitos/as estudantes brasileiros/as, não tive a possibilidade prática de viajar. A estratégia de pesquisa, então, se voltou necessariamente à pesquisa virtual, que foi realizada de forma participativa e em modalidade somente observativa. Esta última foi voltada ao acompanhamento das atividades das pessoas nas redes sociais e em grupos de WhatsApp populados por brasileiros que planejavam partir ou que estavam já na Itália. A dimensão participativa foi desenvolvida por meio de entrevistas online, com estudantes que estavam cursando em Turim, mas também mediante a minha inclusão, como “sujeito viajante”, nas atividades dos grupos virtuais que estavam voltadas a enfrentar as restrições para viajar, em particular no período de melhora das condições sanitárias.



CAPTURA DO GRUPO WHATSAPP. 28-08-2021

Essa captura é um exemplo dessa participação, que envolveu problemas éticos e metodológicos de vários tipos. Ela mostra uma troca de mensagens na qual eu mesmo socializo, em um grupo de 160 membros, a normativa por meio da qual a entrada de estudantes brasileiros foi liberada e as reações consequentes. Naquele momento, eu já tinha entrado em contato e entrevistado as organizadoras do grupo e tinha recebido a autorização para utilizá-lo como uma plataforma para coletar contatos e observar os debates. Todavia, eticamente, as redes sociais virtuais são complexas, porque requerem, para a realização da etnografia, o consentimento de todos/as os/as participantes. A estratégia adotada foi, então, anonimizar quem não foi contatado pessoalmente e explorar, através das outras redes sociais vir-

tuais, tais como Facebook, Instagram e Twitter, as atividades e as redes de contatos de quem foi entrevistado e autorizou esse tipo de pesquisa.

Esses grupos, que se criaram a partir das dificuldades de obter vistos devido às restrições de viagem, se tornaram espaços sociais muito heterogêneos, permitindo trocas sobre vários assuntos ligados à circulação na Itália, além de serem um suporte para as dificuldades subjetivas ligadas às incertezas sobre as possibilidades de viajar. Os grupos serviram literalmente para a constituição de comunidades de pessoas que se encontram até presencialmente, uma vez chegadas na Itália. Esse dado é totalmente contrastante com o registrado entre os estudantes que estavam já na Itália em tempos pré-pandêmicos. A totalidade destes declarou quase não ter relações com outros/as brasileiros/as, além de terem contatos definidos como periféricos nas redes de sociabilidades.

A virtualização da socialidade, que claramente causou o sofrimento devido à ausência de contatos presenciais, pode ser considerada, todavia, também uma componente da infraestrutura que, além de ter consequências negativas sobre a circulação e a sociabilidade das pessoas envolvidas, foi um suporte importante para enfrentar o processo. Como declarou uma aluna, estudante de administração, refletindo sobre as diferenças entre modelos de sociabilidades entre Brasil e Itália, com a virtualização, “Consegui ter uma relação melhor, [com colegas italianos] no período de pandemia, do que com o contato físico”. As dificuldades ligadas ao contato com a sociabilidade mais tímida e expansiva dos colegas italianos, por meio de WhatsApp e WebEx,<sup>56</sup> pareciam ser menores, permitindo, assim, um contato que anteriormente não era possível.

---

<sup>56</sup> WebEx ([www.webex.com](http://www.webex.com)) é um software para conferências virtuais, desenvolvido pela Cisco e adotado como plataforma para didática na Università di Torino.

## Estéticas do isolamento

Se os desdobramentos da pesquisa de campo poderiam ser múltiplos, neste capítulo irei focalizar a dimensão transnacional que a virtualização da sociedade trouxe, ligada às possibilidades que a internet proporciona na contemporaneidade de conseguir informações e que, a partir dos dados coletados na pesquisa, se tornou uma das características mais relevantes das vivências sobre a pandemia. E novamente se torna útil considerar como a infraestrutura da mobilidade, em relação aos aspectos da comunicação transnacional, tem contribuído para determinar as temporalidades da pandemia e a sua dimensão estética, entendida aqui como uma materialidade experienciada que “não se refere à apreciação mental de uma obra de arte, mas à reação do corpo à realidade vivida” (Brian Larkin, 2020, p. 46).

A estética da narração sobre a pandemia é, então, pensada como um conjunto de formas sensíveis, mobilizadas para materializar as lembranças sobre o que estava acontecendo. A primeira consideração é sobre os objetivos que foram levantados como fundamentais premissas para um projeto de estudar no exterior. Muitos reportaram motivações pessoais, como laços com pessoas que já viviam na Itália, mas também foi comum, independentemente das posições políticas que poderiam ser lidas entre as linhas, uma percepção da sociedade brasileira como problemática por assuntos que iam, só para citar alguns, desde a competitividade acadêmica, a falta nas políticas educacionais voltadas à infância até uma deterioração do mercado financeiro, que, nas palavras de um entrevistado oriundo de uma família com alto capital econômico, “não [lhe] permitiria de ter logo uma independência financeira”.

A pergunta sobre como essas reflexões foram se estruturando ao longo das trajetórias individuais levou a uma consideração do próprio percurso migratório e das temporalidades que a infraestrutura de comunicação utilizada na pandemia proporcionou. Muitos estudantes fizeram comentários sobre o tempo passado e sobre possíveis futuros que iriam se desdobrar, cruzando a própria experiência de mobilidade internacional com

a imobilidade que as quarentenas impuseram. Quem experienciou a pandemia na Itália destacou como a pandemia se tornou o termo de comparação fundamental entre os dois países. Podemos pensar que, aos olhos do mundo ocidental, a Itália foi o primeiro país atingido pela covid-19, por ser interpretado o contexto chinês como algo ainda exótico e longe da própria cotidianidade. “No começo, os meus amigos no Brasil achavam que era brincadeira”, reporta um aluno, para contextualizar um comparativismo que irá acompanhar todas as fases da quarentena. Uma aluna de doutorado destacou as dificuldades dessa dupla presença, de estar nos dois contextos contemporaneamente, justificando que “é muito ruim para você ficar preocupado com a situação de dois países diversos” e refletindo também as preocupações da própria família no Brasil: “A minha família era preocupada, me ligavam toda hora.”

Um aluno, oriundo do interior de São Paulo, problematizou em profundidade essa comparação destacando, em uma entrevista realizada no meado de 2021, como, paradoxalmente, “aqui [na Itália] a questão é sanitária, e aí [no Brasil], é política”. Ambos os países foram envolvidos em práticas reprováveis de gestão da pandemia, que, todavia, se tornaram, pelo menos em nível federal, permanentes e oficializadas no Brasil. O que chega a esse aluno, por meio da infraestrutura midiática e comunicacional, são duas temporalidades distintas, vivenciadas em contemporaneidade, em modalidade quase totalmente virtual. Nessa situação, o exercício de imaginação, que muitos estudos sobre a migração destacam (Liisa Malkki, 2012), é necessário não só para pensar o próprio país de origem, mas também o exterior, no qual fisicamente se está morando. Exercício de imaginação que em vários casos se torna insustentável, exemplificados nas palavras que destacam que “foi muito estressante, no ponto que eu decidi não ler as notícias”.

A dificuldade de imaginar o outro lugar dependia também da impossibilidade de viajar, destacada em particular nas entrevistas realizadas até maio de 2021, no período anterior às aberturas consequentes à vacinação, processo já avançado na Itália em outubro de 2021, momento no qual este texto está sendo escrito, mas ainda repleto de incertezas no Brasil. Uma

pós-doutoranda, em abril de 2021, comentava: “Agora estou preocupada porque vou voltar para o Brasil em novembro. E eu não faço ideia de como é que vai ser. [...] Eu vou ter medo de como vai ter alguns meses sabáticos na minha cidade natal.” Uma outra fala destaca o estranhamento em relação às diferenças de políticas e comportamentos adotados: “Na época da quarentena, aqui não podia sair de casa, e lá, a minha mãe estava indo na praia.” Não se trata somente da impossibilidade de viajar, mas também de uma dificuldade de imaginar como poderiam se reconfigurar as relações, em um contexto de distanciamento e de atitudes estéticas radicalmente diferentes em relação ao lema da pandemia.

### Im-mobilização virtual

Enquanto estava explorando as subjetividades dos/as estudantes por meio de entrevistas, realizei um mapeamento da presença de grupos de brasileiros na Itália e de redes de estudantes brasileiros no exterior. Esse processo teve um momento importante, como geralmente acontece em qualquer pesquisa etnográfica, no qual literalmente me tornei um sujeito participante das vicissitudes que quem estava planejando a própria viagem à Itália estava enfrentando. A partir de 2021, tentei viajar para a Itália, para realizar a parte presencial desta pesquisa, mas, devido às restrições que me contemplavam, como italiano residente no Brasil, não pude realizar a estadia de um ano, como planejava inicialmente. Similarmente aos meus interlocutores, fui monitorando constante e freneticamente múltiplos sítios virtuais, em relação às portarias emitidas, e fui procurando, devido à impossibilidade de ter informações suplementares por órgãos institucionais italianos, sugestões de pessoas na minha mesma situação. Foi assim que, em resposta a um post em um grupo de brasileiros/as na Itália, uma pessoa me sugeriu entrar num grupo de WhatsApp de estudantes que estavam planejando viagem para Itália, e a partir daquilo, soube de muitos outros grupos similares.

Um primeiro dado relevante é relativo à existência mesmo desses grupos. Considerando que as entrevistas não tinham destacado a importância

das redes sociais como plataforma de comunicação entre estudantes na Itália, a consistência numérica dos participantes nos grupos que encontrei me deixou surpreendido. Para entender mais sobre a gênese desses grupos, entrei em contato com as administradoras e consegui marcar conversas com elas. O primeiro grupo nasceu por meio de um contato com a Associação Brasileiros no Exterior (Brasa),<sup>57</sup> fundada em 2014 e originariamente mais voltada à circulação nos Estados Unidos, mas que em época de pandemia se tornou um guarda-chuva de redes voltadas também a outros contextos nacionais.

Rapidamente a rede no WhatsApp teve um crescimento notável do número de participantes, levando à necessidade de criar grupos paralelos, devido à limitação numérica de participantes em um mesmo grupo. Essa rede de estudantes se estruturou, segundo a palavra de uma coordenadora, como “um movimento” voltado ao enfrentamento político das falhas da infraestrutura normativa da migração para a Itália,<sup>58</sup> que realmente impossibilitaram as viagens do Brasil, em períodos nos quais este país já não era um dos mais impactados pela pandemia. Por um lado, o grupo foi descrito como base de uma mobilização fundamentada para a divulgação dessa situação nas redes sociais, para a escrita de cartas voltadas a políticos e para o contato com a mídia. O Instagram, segundo as organizadoras, se tornou a rede social mais relevante, por meio da qual foram divulgados conteúdos e realizados flash mobs virtuais. Todavia, a frequência e a assiduidade de utilização dos grupos de WhatsApp tornaram essa plataforma um “grupo de apoio” fundamental, onde as trocas de mensagens eram voltadas geralmente a temas burocráticos, mas com um tom extremamente afetivo.

---

<sup>57</sup> <https://www.home.gobrasa.org/>

<sup>58</sup> Os estudantes, para pedir visto de estudo, dependiam de uma autorização do Ministério da Saúde italiano. Eu mesmo tive que pedir essa autorização e consegui somente um dia antes da minha viagem, depois de dezenas de e-mails enviados. Esse atraso, que era a norma, criava múltiplos problemas aos estudantes, de natureza jurídica, por não conseguir visto no tempo; econômica, por ter que remarcar a passagem; e emotiva, por acrescentar incertezas em um panorama já complexo por causa da pandemia.



CAPTURA WHATSAPP. 08-11-2021

Sucessivamente, a partir do grupo principal, foram criados subgrupos, que literalmente associavam estudantes que iam morar na mesma cidade ou estudar na mesma faculdade. Essa captura mostra alguns destes, neste caso, voltados à cidade de Milão e às suas principais faculdades. Nesses grupos, observei a mesma atenção e suporte aos processos da viagem, com suas dificuldades burocráticas, mas também muitos comentários sobre a vida na cidade, os hábitos locais e, enfim, várias chamadas a encontros e comemorações presenciais, no período de relaxamento das restrições ligadas à pandemia. Esse dado é particularmente relevante, em comparação ao levantado por meio das entrevistas, nas quais, em pouquíssimos casos, foram citadas práticas de sociabilidades entre estudantes brasileiros/as.

## A dupla presença

Uma categoria que pode ser útil para amarrarmos os dados etnográficos aqui descritos é aquela do cosmopolitismo, que foi declinada em muitos modos na história das ciências sociais, mas sobre a qual um ponto de partida é o importante trabalho de Paul Rabinow. Ele definiu o cosmopolitismo, ainda na década de 1980, como “um ethos de marcointerdependências, com uma consciência aguda (muitas vezes imposta às pessoas) das inescapabilidades e particularidades de lugares, naturezas, trajetórias históricas e destinos” (Paul Rabinow, 2016, p. 354). O autor utilizava essa definição para contextualizar as elites coloniais que estavam estudando na Argélia, mas também para se posicionar no campo, como intelectual e antropólogo. Ele se sentia mais confortável em estudar criticamente quem está “em cima” dele, em vez de dar voz a grupos marginalizados, incluindo-se, por meio de uma complexa estratégia textual, no campo etnográfico que estava descrevendo. De modo similar, neste estudo aqui apresentado, que investiga elementos pontuais dessas redes de associações que parcialmente percorremos, claramente a trajetória individual do pesquisador se entrelaça àquelas das pessoas que se envolveram na pesquisa.

Rabinow, com a sua ideia de cosmopolitismo, foi um ponto de partida para esta pesquisa, que evidencia algo que vai além das proposições ligadas ao transnacionalismo, que é, hoje em dia, considerável como uma interdependência dos contextos e que, no período de pandemia e isolamento social, se tornou uma dupla presença, em dois lugares contemporâneos, cujas particularidades eram mediadas por uma infraestrutura de comunicação. Nesse mesmo sentido, esta pesquisa se tornou algo que problematiza a ideia mesmo de etnografia multissituada (George Marcus, 1995), considerada a presença do pesquisador em contextos diferentes e interdependentes, permitida a partir de uma abordagem mediada por infraestruturas virtuais de comunicação.

Em nível crítico, esta proposta quer se encaixar na trilha que o presente volume propõe, na qual a ideia de pesquisar no exterior, partindo do

Brasil, pode ser um ponto de partida para problematizar assuntos de diferentes escalas. Em primeiro lugar, a dimensão nacional da produção do conhecimento, que é algo ainda muito vinculante para os mesmos pesquisadores e que ainda se reflete muito nos estudos sobre a circulação de pessoas. Os/as estudantes aqui considerados/as, pelos seus estatutos sociais e sua próspera condição econômica, implicitamente desafiam a associação à nacionalidade, destacando como mais relevante para definição da própria subjetividade a própria condição econômica. Neste sentido, ir do sul rumo ao norte é uma ideia que tem que ser necessariamente problematizada por meio de um foco sobre a classe social dos envolvidos. Cabe destacar que esta reflexão se liga provavelmente ao recorte racial encontrado no campo, que é composto por pessoas brancas e que, na palavra de várias delas, “facilmente poderiam ser percebidas como italianos/as”.

Em segundo lugar, a categoria de cosmopolitismo me ajuda a problematizar o tema que foi introduzido na primeira parte deste capítulo, ou seja, a relevância da formação no exterior para as classes altas brasileiras, que se torna um assunto muito delicado, em particular em relação a pesquisas embasadas na etnografia. O que encontrei, além claramente da aquisição de competências específicas relativas a futuras profissões, é, em particular em tempo de pandemia, a aquisição de habilidades que permitam viver temporalidades diferentes e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre isso. O sofrimento ligado a essa condição, que não foi objeto de análise neste capítulo, é claramente colateral a essa circulação, mas os dados claramente mostram como essa dupla presença permitiu, em muitos casos, conseguir superar dificuldades, sejam subjetivas, seja coletiva, como mostra o caso da mobilização contra as restrições de viagem.

Enfim, cabe pensar que, como sugerido na introdução, cada etnografia é necessariamente ligada a uma experiência de deslocamento, físico ou epistêmico. Neste sentido, as experiências dos/as estudantes brasileiros na Itália podem ser consideradas um espelho para os/as pesquisadores/as que atuam ou atuaram no exterior, que, além de resultados específicos ligados a cada pesquisa, implicitamente se tornam sujeitos que adquirem habilidades

para refletir criticamente sobre os contextos nos quais circulam, e que, dependendo do empenho e da duração dos trânsitos, tornam-se, em muitos casos, permanentemente presentes em dois ou mais contextos.

## Referências

ABBINK, J.; SALVERDA, Tijo (Eds.). *The Anthropology of Elites: Power, culture, and the complexities of distinction*. 1. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. Ed., 10. reimpressão. Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil 1. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 4. ed., rev. São Paulo: Global, 2008.

GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. “Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration.” *Annals of the New York Academy of Sciences* 645, n. 1 (1992): 1-24. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1992.tb33484.x>.

HANNERZ, Ulf. *Transnational Connections: Culture, People, Places*, 1996. <https://www.routledge.com/Transnational-Connections-Culture-People-Places/Hannerz/p/book/9780415143097>.

LARKIN, Brian. “The Politics and Poetics of Infrastructure.” *Annual Review of Anthropology* 42, n. 1 (2013): 327-43. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092412-155522>.

MALKKI, Liisa H. *Purity and Exile: Violence, Memory, and National Cosmology among Hutu Refugees in Tanzania*. University of Chicago Press, 2012.

MALKKI, Liisa H. “Refugees and Exile: From ‘Refugee Studies’ to the National Order of Things.” *Annual Review of Anthropology* 24, n. 1 (1995): 495-523. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.002431>.

MARCUS, George E. “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography.” *Annual Review of Anthropology* 24, n. 1 (1995): 95-117. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>.

RABINOW, Paul. “Representations Are Social Facts: Modernity and Post-Modernity. In: *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*, 234-62. Berkley: University of California Press, 1986.

RANGEL BATISTA, Roberta; BONOMO, Mariana. “Representações Sociais de Brasil e Europa para Brasileiros Migrantes na Europa.” *Argumentum* 8, n. 1 (2016): 191. <https://doi.org/10.18315/argumentum.v8i1.11416>.

ROSSA, Juliana. “Representações de regionalidades e identidades em *blogs* de brasileiros residentes na Itália,” 2014. <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/491>.

SAYAD, Abdelmalek. *La double absence: des illusions de l’émigré aux souffrances de l’immigré*. Points 743. Paris: Éd. Points, 2014.

TEDESCO, João Carlos. “‘Exportação de pés’. Jogadores brasileiros de futsal na Itália e redes transnacionais.” *Campos – Revista de Antropologia* 15, n. 1 (2014). <https://doi.org/10.5380/campos.v15i1.35784>.

TEDESCO, João Carlos. “Fios que tecem o processo migratório internacional: trabalhadores brasileiros na Itália.” *Pensamento Plural* 0, n. 1 (2007): 89-112. <https://doi.org/10.15210/pp.v0i1.3762>.

VAILATI, Alex; RIAL, Carmen. “Introduction.” In: Alex Vailati and Carmen Rial (Eds.) *Migration of Rich Immigrants: Gender, Ethnicity, and Class*. 1-11. Palgrave Studies in Urban Anthropology. New York: Palgrave Macmillan US, 2016. [https://doi.org/10.1057/9781137510778\\_1](https://doi.org/10.1057/9781137510778_1).

VELHO, Gilberto. *Nobres & anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

XIANG, Biao; LINDQUIST, Johan. “Migration Infrastructure.” *International Migration Review* 48, n. 1\_suppl (2014): 122-48. <https://doi.org/10.1111/imre.12141>